

Fio d'água — Laura Villarosa

Texto: Priscyla Gomes

Há paisagens que não nascem diante dos olhos, mas sob a insistência das mãos. Antes de se tornarem imagem, são gestos: fios que atravessam a superfície, pontos que retornam sobre si mesmos, cores que se depositam em camadas.

Em ***Fio d'água***, Laura Villarosa constrói paisagens imaginadas a partir de uma relação delicada entre matéria, memória e fluxo. Suas composições parecem vir de um lugar anterior ao mapa: territórios sem nome, superfícies atravessadas por linhas, relevos, ritmos e silêncios. Há nelas algo de fluxo e algo de espera; algo que se move, mas também se fixa na densidade do tecido.

Ao fazer da pintura uma prática atravessada pelo fio, Laura retoma uma história antiga de gestos transmitidos e reinventados. Tecer, costurar, bordar e entrelaçar são ações cotidianas, recorrentemente associadas à produção feminina, mas também potentes modos de exploração do sensível. Nessa fusão de labores, a artista aproxima imagem e matéria, visão e tato, superfície e profundidade.

Nas obras reunidas em ***Fio d'água*** bordar, fiar, tecer tornam-se métodos de pensamento. Cada camada aplicada sobre o tecido adensa a imagem; o fio desenha e constrói volume, ele cobre e revela. Suas paisagens são feitas de sobreposições, decisões acumuladas e uma temporalidade que se deixa ver no corpo da obra. Nada emerge por impulso, tudo foi atravessado pela pausa e pela maturação.

ZIPPERGALERIA

Essa maturação também se manifesta na escolha dos materiais. Laura acompanha o percurso das linhas em uma variação de cores, espessuras e procedências. Às pesquisas junto a fornecedores especializados, somam-se doações de pessoas próximas, que reconhecem em sua prática uma atenção particular aos fios. Naturais, reciclados ou sintéticos; artesanais ou industriais, eles se tornam parte fundamental do trabalho.

A escolha dos fios se aproxima da escolha dos pigmentos. Laura observa a cor, o brilho, a opacidade, a textura e a capacidade de cada material iluminar ou adensar uma superfície. Cada fio traz uma presença própria, ora mais rústica, ora mais delicada, mais fosca ou mais luminosa. É dessa combinação entre procedência, aparência e significado que a artista constrói suas paisagens.

Ao perceber os intervalos entre os pontos e os modos como a trama se abre ou se fecha, reconhecemos a inteligência de suas mãos. O que se apresenta não é apenas uma imagem bordada, mas uma forma de habitar a imaginação por meio da textura. Seus trabalhos existem nesse lugar em que o tecido torna-se campo, pele, mapa e horizonte. Como um fio d'água que muda em movimento sem abdicar de sua natureza, as paisagens de Laura Villarosa parecem guardar essa força silenciosa: transformam-se a cada camada e gesto, sem perder o curso íntimo que as conduz. Em cada obra, o fiar afirma sua potência mais delicada e profunda: fazer da superfície uma prodigiosa travessia.